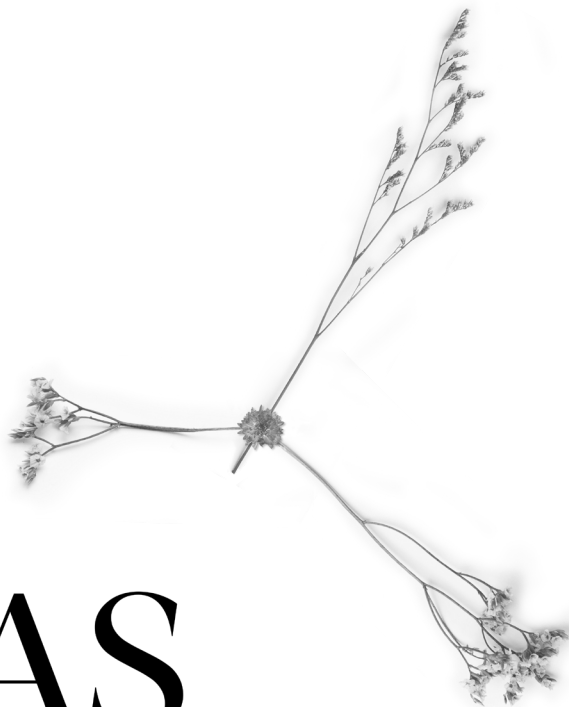


Michael
Cunningham



AS
HORAS

Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues

FICÇÃO • ROMANCE

Este livro é para Ken Corbett

Agora vamos procurar um terceiro tigre, mas, como os outros, este também será uma aparência do que eu sonho, uma estrutura de palavras, e não o tigre de carne e osso que, para lá de todos os mitos, percorre a Terra. Sei estas coisas muito bem, mas mesmo assim uma força persiste em impelir-me para esta vaga, insensata e antiga busca e continuo a procurar outro tigre ao longo das horas, o animal que não se encontra em verso.

J. L. BORGES, *O Outro Tigre*, 1960

Não tenho tempo para descrever os meus planos. Tinha muitas coisas a dizer a respeito de *As Horas* e da minha descoberta, de como escavei belas cavernas atrás das minhas personagens; penso que isso dá exactamente o que quero – humanidade, humor, profundidade. A ideia é que as cavernas se ligarão entre si e cada uma vem à luz do dia no momento presente.

VIRGINIA WOOLF, no seu diário, 30 de Agosto de 1923

PRÓLOGO

Ela sai apressadamente de casa, com um casaco pesado de mais para o tempo que estava. É o ano de 1941. Começou outra guerra. Deixou um bilhete para Leonard e outro para Vanessa. Caminha decididamente em direcção ao rio, segura do que vai fazer, mas, mesmo assim, mesmo neste momento, sente-se quase absorta com a vista das colinas, da igreja e de um grupo disperso de ovelhas, incandescentes, levemente coloridas por uma pálida tonalidade de enxofre, pastando sob um céu que escurece. Detém-se a observar as ovelhas e o céu e depois continua a andar. As vozes murmuram atrás dela; bombardeiros roncam no céu, embora ela olhe à procura dos aviões e não os veja. Passa por um dos trabalhadores da quinta (chama-se John?), um homem robusto, de cabeça pequena, com uma jaqueta cor de batata, ocupado a limpar a vala que corre pelo campo de salgueiros. Ele olha para cima, para ela, inclina a cabeça e olha de novo para baixo, para a água castanha. Enquanto passa por ele a caminho do rio pensa como foi bem sucedido, como é afortunado por estar a limpar uma vala num salgueiral. Ela, pelo contrário, falhou. Não é de modo algum uma escritora; é simplesmente uma excêntrica talentosa. Retalhos de céu brilham nas poças formadas pela chuva da noite anterior. Os seus sapatos afundam-se ligeiramente na terra amolecida. Ela falhou e agora as vozes voltaram, sussurram, indistintas, imediatamente fora do alcance da sua visão, atrás dela, aqui, não, viras-te e elas desapareceram, foram para outro lugar qualquer. As vozes regressaram e a dor de cabeça aproxima-se, tão certa como a chuva, a dor de cabeça que esmagará o que quer que ela seja e ocupará o seu lugar. A dor de cabeça aproxima-se e parece (é ou não ela própria que os está a invocar?) que os bombardeiros apareceram de novo no céu. Chega ao aterro, sobe-o e desce

pelo outro lado, para o rio. Está um pescador a montante, muito longe – não reparará nela, pois não? Começa a procurar uma pedra. Trabalha depressa, mas metodicamente, como se obedecesse a uma receita que tem de ser escrupulosamente respeitada para dar bom resultado. Escolhe uma pedra mais ou menos com o tamanho e a forma do crânio de um porco. Enquanto a levanta e a mete à força numa das algibeiras do casaco (a gola de pele faz-lhe cócegas no pescoço), não pode deixar de notar a sua fria consistência gredosa e a sua cor, um castanho-leitoso com manchas verdes. Pára junto da beira do rio, que lambe a margem e enche as pequenas irregularidades do lodo com água límpida, que poderia ser uma substância completamente diferente do líquido castanho-amarelado, sarapintado e de aspecto sólido como uma estrada que se estende uniforme de margem a margem. Avança. Não tira os sapatos. A água está fria, mas não ao ponto de ser insuportável. Detém-se, com a água fria até aos joelhos. Pensa em Leonard. Pensa nas mãos dele e no seu rosto, nos sulcos fundos à volta da sua boca. Pensa em Vanessa, nas crianças, em Vita e Ethel: tantos. Falharam todos, não falharam? Sente de súbito uma imensa pena deles. Imagina-se a virar-se, a tirar a pedra da algibeira, a voltar para casa. Provavelmente regressaria a tempo de destruir os bilhetes. Podia continuar a viver, podia fazer essa derradeira gentileza. Parada com a água pelos joelhos, decide não o fazer. As vozes estão ali, a dor de cabeça vem a caminho, e, se ela se entrega outra vez ao cuidado de Leonard e Vanessa, eles não a deixarão partir de novo, pois não? Resolve insistir em que a deixem partir. Avança desajeitadamente (o fundo está lodoso) até a água lhe chegar à cintura. Olha para o lado de cima, para o pescador que tem vestido um casaco vermelho, e não a vê. A superfície amarela do rio (mais amarela do que castanha, vista assim de perto) reflecte baçamente o céu. Este é, pois, o último instante de verdadeira percepção, um homem a pescar de casaco vermelho e um céu nublado reflectido na água opaca. Quase involuntariamente (ela sente o acto como involuntário), anda ou tropeça para a frente e a pedra puxa-a para baixo. Durante um momento, ainda, isto parece nada, parece outro fracasso, apenas água fria de que pode sair nadando para a margem. Mas depois a corrente enrola-se nela e toma-a com uma força tão vigorosa e inesperada que é como se um homem forte

se tivesse erguido do fundo, lhe agarrasse as pernas e as prendesse contra o peito. É como se fosse uma coisa pessoal.

Mais de uma hora depois, o marido regressa do jardim. «A senhora saiu», diz-lhe a criada, afofando uma almofada puída que liberta uma tempestade miniatural de penugem. «Disse que não se demorava.»

Leonard vai para cima, para a sala, a fim de ouvir o noticiário. Encontra um sobrescrito azul, dirigido a ele, em cima da mesa. Dentro está uma carta.

Meu Muito Querido:

Tenho a certeza de que estou novamente a enlouquecer: sinto que não posso suportar outro desses terríveis

períodos. E desta vez não me restabelecerei. Começo a ouvir vozes e não me consigo concentrar. Por isso vou fazer o que me parece ser o melhor. Deste-me a maior felicidade

possível. Foste em todos os sentidos tudo o que qualquer pessoa podia ser. Não creio que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes até surgir esta

terrível doença. Não consigo lutar mais contra ela, sei que estou a destruir a tua vida, que sem mim poderias

trabalhar. E trabalharás, eu sei. Como vês, nem isto consigo escrever como deve ser. Não

consigo ler. O que quero dizer é que te devo toda a felicidade da minha vida. Foste inteiramente

paciente comigo e incrivelmente bom. Quero dizer isso – toda a gente o sabe. Se alguém me pudesse ter

salvo, esse alguém teria sido tu. Perdi tudo menos a certeza da tua bondade. Não posso continuar

a estragar a tua vida. Não creio que duas pessoas

pudessem ter sido mais felizes do que nós fomos.

V.

Leonardo sai apressadamente da sala, corre pela escada abaixo. Diz à criada: «Acho que aconteceu alguma coisa a Mrs. Woolf. Acho que ela pode ter tentado matar-se. Para que lado foi? Viu-a sair de casa?»

A criada, em pânico, começa a chorar. Leonard corre pela porta fora e dirige-se para o rio, passando pela igreja e pelas ovelhas e ainda pelos salgueiros. Na margem do rio só encontra um homem de casaco vermelho a pescar.

É levada rapidamente pela corrente. Parece voar, fantástica figura de braços abertos, cabelos soltos flutuantes, aba do casaco de peles enfiada atrás dela. Flutua pesadamente por entre dardos de granulosa luz castanha. Não vai longe. Os seus pés (os sapatos perderam-se) batem ocasionalmente no fundo e, quando tal acontece, levantam uma lenta nuvem de resíduos, repleta de silhuetas negras de esqueletos de folhas e que permanece quase imóvel na água depois de ela ter desaparecido de vista. Fitas de algas pretas-esverdeadas prendem-se-lhe aos cabelos e às peles do casaco e durante momentos os seus olhos são vendados por uma espessa faixa de ervas, que finalmente se solta e flutua, se enrola e desenrola e volta a enrolar-se.

Acaba por se deter contra uma das estacas da ponte de Southease. A corrente comprime-a, molesta-a, mas ela está firmemente colocada na base da grossa coluna quadrada, com as costas voltadas para o rio e o rosto contra a pedra. Está ali enrolada, com um braço dobrado contra o peito e o outro à tona sobre a elevação da anca. A alguma distância acima dela encontra-se a encrespada superfície luminosa, na qual o céu se reflecte insistentemente, branco e carregado de nuvens, atravessado pelas formas recortadas a negro das gralhas. Carros e camionetas passam ruidosamente na ponte. Um rapazinho dos seus três anos, não mais, atravessa a ponte com a mãe, pára junto do parapeito, baixa-se e enfia o pau que tem na mão entre as ripas do gradeamento, para que caia na água. A mãe diz-lhe que continue a andar, mas ele insiste em ficar um pouco mais, a ver o pau ser levado pela corrente.

Ali estão, num dia do princípio da segunda guerra mundial: o rapaz e a mãe na ponte, o pau a flutuar na superfície da água e o corpo de Virginia no fundo do rio, como se ela estivesse a sonhar com a superfície, o pau,

o rapaz e a mãe, o céu e as gralhas. Uma camioneta cor de azeitona baça atravessa a ponte, carregada de soldados de uniforme, que acenam ao rapazinho que acabou de atirar o pau ao rio. Ele retribui, acenando também. Pede à mãe que lhe pegue para poder ver melhor os soldados e se tornar mais visível para eles. Tudo isto penetra na ponte, ecoa na sua madeira e na sua pedra e penetra no corpo de Virginia. O seu rosto, comprimido de lado contra a estaca, absorve tudo: a camioneta e os soldados, a mãe e o filho.

MRS. DALLOWAY

Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste género), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada, prometendo voltar dentro de meia hora.

Isto passa-se na cidade de Nova Iorque. No fim do século xx.

A porta do vestíbulo abre-se para uma manhã de Junho tão bonita e limpa que Clarissa se detém no limiar como se deteria à beira de uma piscina, a admirar a água cor de turquesa beijando os azulejos, as redes líquidas de sol oscilando no fundo azul. E, como se estivesse realmente à beira de uma piscina, adia por um momento o mergulho, a sensação do contacto da membrana viva do arrepio, o choque simples da imersão. Nova Iorque, no seu estridor e na sua severa decrepitude castanha, no seu insondável declínio, gera sempre algumas manhãs estivais como esta, manhãs invadidas em todo o lado por uma afirmação tão determinada de vida nova que é quase cómica, como uma personagem de *cartoon* que sofre infindáveis e horrendos castigos e sai sempre incólume, ilesa, pronta para mais. Neste Junho, mais uma vez, nas árvores que se erguem ao longo da West Tenth Street, em quadrados de terra sujos de porcária de cão e embalagens descartadas, brotaram pequenas folhas perfeitas. Mais uma vez, na floreira da janela da velhota do lado, cheia como sempre de desbotadas sardinheiras de plástico vermelhas enterradas na terra, irrompeu um desgarrado e vadio dente-de-leão.

Que emoção, que choque estar viva numa manhã de Junho, afortunada, quase escandalosamente privilegiada, com um recado simples para fazer. Ela, Clarissa Vaughan, uma pessoa comum (para quê incomodar-se a tentar negá-lo nos tempos de hoje?), vai comprar flores e dar uma

feita. Quando Clarissa desce do limiar do vestíbulo, o seu sapato estabelece contacto áspero, arenoso, com a pedra castanha-avermelhada, salpicada de mica, do primeiro degrau. Tem cinquenta e dois anos, cinquenta e dois anos acabados de completar, e uma saúde quase anormalmente boa. Sente-se tão bem como naquele dia em que, em Wellfleet, tinha então dezoito anos, saiu pelas portas de vidro para uma manhã muito semelhante a esta, nova e quase dolorosamente clara, exuberante de vegetação. Havia libélulas zigzagueando entre os amentilhos. Havia um cheiro a erva realçado pelo de resina de pinheiro. Richard saiu atrás dela, pôs-lhe a mão no ombro e disse: «Olá, viva, Mrs. Dalloway.» O nome de Mrs. Dalloway tinha sido ideia dele—uma opinião manifestada numa noite tipo dormitório de bêbados, quando lhe garantiu que Vaughan não era o apelido adequado para ela. Devia, disse-lhe, ter o nome de uma grande figura da literatura, e, enquanto ela se pronunciara a favor de Isabel Archer ou Anna Karénina, Richard insistira que Mrs. Dalloway era a única e óbvia escolha. Havia o pormenor do seu primeiro nome verdadeiro, sinal demasiado evidente para ser ignorado, e, mais importante ainda, a questão do destino. Ela, Clarissa, não estava claramente destinada a fazer um casamento desastroso ou a ficar debaixo das rodas de um comboio. Estava destinada a encantar, a ser bem sucedida. Por isso era, e seria, Mrs. Dalloway. «Não é belo?», perguntou Mrs. Dalloway nessa manhã a Richard. E ele respondeu: «A beleza é uma meretriz, gosto mais do dinheiro.» Ele preferia a sagacidade. Por ser a mais nova e a única mulher, Clarissa achava que se podia dar ao luxo de um certo sentimentalismo. Se isso tinha acontecido em fins de Junho, ela e Richard eram amantes. Teria decorrido quase um mês inteiro desde que Richard deixara a cama de Louis (Louis, a fantasia do rapaz do campo, a personificação viva da carnalidade de olhar indolente) e passara para a dela.

«Bem, acontece que eu gosto de beleza», respondera ela. Levantara a mão dele do seu ombro e mordera-lhe a ponta do indicador, com um pouco mais de força do que pretendia. Tinha dezoito anos e acabava de receber um nome novo. Podia fazer o que lhe apetecesse.

Os sapatos de Clarissa produzem sons de lixa macia enquanto desce os degraus para ir comprar flores. Porque não se sente mais melancólica com a perversa simultaneidade da boa sorte de Richard («uma angustiada